

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
José Nascimento – Nem Verdade, Nem Mentira
16 de Outubro de 2024

ECRAN – “HITCHCOCK, PABST E ANA E ALEXANDRE” / 1981

Um programa de televisão de José Nascimento e Augusto M. Seabra

Autoria: José Nascimento e Augusto M. Seabra

Produção: RTP / Produtor: Miguel Cardoso / Cópia digital, cor, falada em português /
Duração: 24 minutos.

CASA FLUTUANTE / 2022

Um filme de José Nascimento

Realização: José Nascimento / Argumento: Ana Pissarra e José Nascimento / Direcção de Fotografia: Aurélio Vasques / Direcção Artística: Ana Pissarra / Música: Flak / Som: Vasco Pedroso / Montagem: Ana Pissarra e José Nascimento / Interpretação: Carolina Virguez (Araci), Carla Maciel (Adriana), Vítor Norte (Inácio), Inês Pires Tavares (Joana), Gustavo Sumpta (Leo), Bernardo Mayer (Xavier), Guilhermina Bento (Adelaide), etc.

Produção: Take 2000 / Produtor: José Mazedo / Cópia digital, colorida, falada em português / Duração: 134 min / Estreia Comercial: 3 de Março de 2022.

Antes da **Casa Flutuante**, um dos programas da série *Ecran*, um magazine de temas cinematográficos que José Nascimento e Augusto M. Seabra animaram durante um breve período da entrada da década de 80 (de certa forma, um antecessor do *Cinemazine* que, no final da mesma década, Fernando Matos Silva orientaria, com persistência e teimosia, durante vários anos). Este episódio, especificamente, é mais do que uma curiosidade. Depois de passarmos por segmentos dedicados a Hitchcock, Pabst, Greta Garbo, todos sugeridos pela actualidade da programação cinematográfica naquele período de 1981, chegamos a um momento de reportagem na rodagem de **Ana**, de António Reis e Margarida Cordeiro. O relativamente extenso depoimento de Reis, em particular, é um documento precioso.

Flash-forward de quatro décadas até à **Casa Flutuante**, a mais recente ficção de José Nascimento. Projecto singular, a partir de uma fusão de imaginários (o argumento inspirou-se em *A Jangada* de Júlio Verne e *Viagem Filosófica* de Alexandre Rodrigues Ferreira), imaginários narrativos mas sobretudo imaginários geográficos, para chegar a um mundo de cinema em que a zona de Mértola se funde com a Amazônia, o rio Guadiana com o rio Amazonas. É curioso como, em primeiro lugar, Mértola e o Guadiana se oferecem tanto a este tipo de aproximações – o último filme de Pierre-Marie Goulet, **Além das Pontes**, era também uma procura de paralelismos entre a vila

de Mértola e a cidade de Istambul, a terra portuguesa, por razões históricas, vista como um depósito de uma “geologia cultural”. Há uma linha menos recta entre Mértola e o Amazonas do que entre Mértola e Istambul, por isso **Casa Flutuante** torna-se mesmo uma operação sobre o imaginário, sustentado por uma via narrativamente realista (a vida e as recordações da personagem de Araci, que chega a Mértola como refugiada do saque galopante da floresta amazónica e das suas populações indígenas) mas sempre pronto a “descolar” para um nível de realidade onde tudo se sobrepõe tudo, quase “magicamente” (podemos pensar no “realismo mágico”, de certa forma, e de resto é uma tradição literária retintamente latino-americana). Há muitas cenas no rio, dentro das águas ou nas margens, com “casa flutuante” ou sem ela, e o melhor do filme é como aproveita essa presença paisagística, inabalável na sua materialidade mesmo quando o imaginário a faz vacilar. Um “filme de rio”, portanto, que de algum modo lança uma ponte para um momento passado da obra de Nascimento, **Tarde Demais**, filme de âmbito e ensejo bastante diferentes, mas também, indubitavelmente, e até tragicamente, um “filme de rio”.

Luís Miguel Oliveira